

Sobre Lévi-Strauss e Filosofias Indígenas - Entrevista Com Renato Sztutman

Renato Sztutman e Edson Tosta Matarezio Filho



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2753>

DOI: 10.4000/pontourbe.2753

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Renato Sztutman e Edson Tosta Matarezio Filho, « Sobre Lévi-Strauss e Filosofias Indígenas - Entrevista Com Renato Sztutman », *Ponto Urbe* [Online], 16 | 2015, posto online no dia 04 setembro 2015, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/2753> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2753

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

Sobre Lévi-Strauss e Filosofias Indígenas - Entrevista Com Renato Sztutman

Renato Sztutman and Edson Tosta Matarezio Filho

- 1 Esta entrevista com o professor Renato Sztutman aconteceu em 2012, em virtude da realização do filme *O que Lévi-Strauss deve aos Ameríndios*, dirigido por mim¹. Renato foi o primeiro entrevistado de uma série de outros especialistas na obra lévi-straussiana. Cheguei a seu apartamento num fim de tarde como um roteiro aberto de perguntas. O próprio roteiro do filme ainda estava apenas esboçado. A entrevista foi tão rica e surpreendente que me fez reelaborar todo o plano inicial do filme. Conforme ele falava sobre a concepção que guiava o documentário eu ia modificando a pergunta seguinte, pois as perguntas que eu havia elaborado previamente pareciam não fazer mais sentido. A bem da verdade, no fim das contas, como o leitor verá, fiz pouquíssimas perguntas. Naquela tarde, Renato me entregou as bases para que eu pudesse traçar um roteiro mais seguro do meu filme.
- 2 Como é possível antever pelo título do filme, a conversa teve como foco a obra do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss. Mais especificamente, a principal intenção era problematizar, por meio das entrevistas, o quanto alguns conceitos mais caros ao estruturalismo lévi-straussiano nasceram de um encontro entre um acadêmico europeu e o mundo indígena. Na entrevista abaixo, Renato faz uma varredura de quase toda a obra lévi-straussiana, em especial as *Mitológicas*, mas também *Tristes Trópicos*, *O Totemismo Hoje e O Pensamento Selvagem*, que “não é o pensamento dos selvagens”. Alguns temas explorados merecem destaque, como a inovadora abordagem que Lévi-Strauss faz da mitologia ameríndia, pensamento que recusa a passagem da natureza para a cultura. Passagem esta que não pode ser tomada como absoluta. Neste sentido, a conversa envereda pelo tema do xamanismo indígena, “que nada mais é do que essa possibilidade de refazer a separação que foi estabelecida no mito. O xamã junta o que está separado”.

- 3 Mas a obra maior do antropólogo francês seria o conjunto das *Mitológicas*. Neste momento, o estabelecimento das leis universais do espírito humano é colocado em segundo plano. Cumpre agora mostrar seu funcionamento tendo em vista um campo muito específico. Parafraçando o título de uma resenha sua de *O Cru e o Cozido*, trata-se de seguir o percurso do “espírito na América” (2005). Mas não é só isso, e aqui está a grande originalidade da obra, “é uma obra que mimetiza o pensamento indígena, que pensa o mito e o mundo indígena de uma maneira semelhante ao mito e o pensamento indígena”, diz Renato.
- 4 Ao longo da entrevista, Renato nos mostra o quanto as filosofias indígenas se aproximam ou se distanciam do pensamento de alguns filósofos ocidentais. Neste mesmo sentido, fica claro como Lévi-Strauss já antevia uma moral indígena implícita na mitologia, nos rituais e nos cuidados com o corpo. Moral esta em que “o mundo deixou de estar fora da política para estar dentro”. Uma moral com a qual temos muito o que aprender. Neste sentido, os ameríndios “não são aquilo que a gente não quer ser ou aquilo que a gente já foi, eles são aquilo que a gente talvez nunca foi e que a gente pode ser. Ou seja, eles estão no futuro e não no passado.”
- 5 De sólida formação etnológica, Renato Sztutman, professor do departamento de Antropologia da USP, publicou recentemente o livro resultante de sua tese de doutorado, “O profeta e o principal: a ação política ameríndia e seus personagens” (2012), no qual analisa a articulação entre o profetismo e o domínio político entre os antigos Tupi da costa brasileira. Também é um grande intérprete da obra do mestre francês. Dentre seus textos que tratam mais diretamente do assunto, podemos destacar, “Ética e profética nas *Mitológicas* de Lévi-Strauss” (2009) e “Lévi-Strauss e o desafio americanista” (2001).

EDSON: Acho que podemos começar por um comentário sobre o significado que a obra do Lévi-Strauss tem para o estudo dos povos ameríndios.

Renato: Problema difícil, é uma obra de quase um século... Lévi-Strauss se torna antropólogo junto com o nascimento de um americanismo, mais científico mesmo. Quer dizer, antes dos anos 30, quando ele vai fazer essa viagem, não tinha muita coisa sobre os povos indígenas, então ele participou da construção de um campo novo. Ele escreveu para o *Handbook of South American Indians*, participou da construção desse campo de estudos sobre os povos ameríndios, estudos antropológicos propriamente ditos. Quer dizer, a África, Oceania, eram regiões que já estavam mais avançadas nesses estudos. Acho que o Lévi-Strauss tem esse lado, a obra dele se confunde com esse campo de estudos dos povos ameríndios. Na América do Norte já tinha bastante coisa, por conta do [Franz] Boas. O Boas foi um grande desbravador, e não à toa o Lévi-Strauss vai estudar com ele quando vai pra Nova York, mas sobretudo na América do Sul os estudos eram muito escassos. Então ele ajuda a consolidar esse campo, o campo da América do Norte já estava começando, então o Lévi-Strauss é um pioneiro da antropologia, ele cria uma cadeira de antropologia social no *Collège de France* e cria também um campo de estudos dos povos ameríndios. Acho que ele é uma figura muito importante da antropologia francesa e mundial, ele inaugura uma reflexão.

Mais do que qualquer outro antropólogo, ele coloca a antropologia dentro das ciências humanas, do debate maior das ciências humanas e emancipa a antropologia da sociologia, faz uma distinção, é um criador da antropologia e de uma antropologia que só pode ser pensada em relação aos estudos dos povos americanos. Ele é absolutamente fundamental, uma figura totêmica pra antropologia e para os estudos que a gente poderia chamar agora de estudos ameríndios. Quer dizer, ele tem esse lugar histórico

na trajetória da disciplina, e no que a gente sabe sobre os índios. As *Mitológicas* são um grande compêndio sobre o pensamento dos índios e os estudos mais aprofundados sobre a América do Sul só vão deslanchar depois dos anos 50, 60, então eles são muito recentes, mas é justamente o momento em que o Lévi-Strauss começa a escrever as *Mitológicas*.

EDSON: E como se dá este encontro de um francês de formação filosófica com o americanismo de sua época?

Renato: Não é simplesmente um antropólogo que vai falar sobre os índios e construir uma teoria, digamos assim, universal, mas é o encontro, feliz, digamos assim, entre dois pensamentos, é uma espécie de afinidade eletiva entre o pensamento do Lévi-Strauss e o pensamento indígena, o que não significa que o pensamento do Lévi-Strauss seja uma imitação simplesmente do pensamento indígena. Em que sentido que se dá esse encontro, um encontro físico do Lévi-Strauss em campo nos anos 30, quando ele encontra os índios? Mas que é mais do que um encontro real, efetivo, empírico, é um encontro de pensamentos, de modos de pensar, e acho que isso é o mais importante, quer dizer, não está dado de antemão que a experiência etnográfica possa gerar esse encontro, acho que o que aconteceu aqui é uma conjunção, que não é trivial.

Nos *Tristes Trópicos*, que é uma espécie de narrativa de viagem autobiográfica do Lévi-Strauss, tem um capítulo que é super citado, que chama “Como se faz um etnógrafo”, ele vai falar um pouco da formação dele, na filosofia, no direito, e um pouco do incômodo que ele sempre teve com aquelas categorias de pensamento, aquela supremacia de um sujeito pensante, dos conceitos abstratos. Ele sempre teve um descontentamento, um mal-estar em relação a isso, e vai ficar claro quando ele vai buscar essa experiência no Brasil, que antes de tudo foi uma experiência de viagem que ele veio buscar, de conhecer esses povos. Lévi-Strauss menciona que não gosta de aventura. Gosta é da experiência filosófica da viagem, o que ele estava buscando, inspirado nos viajantes europeus. Nunca deixou de ser um intelectual com raízes muito fortes no mundo dele. Neste capítulo ele fala que sempre teve um pensamento neolítico, que o pensamento dele era neolítico e não se adequava a esses conceitos abstratos, essa engenharia, esses malabarismos da filosofia tal como era praticada na França, essa filosofia do sujeito, o idealismo...

EDSON: Explique melhor isso que Lévi-Strauss chama de “pensamento neolítico”.

Renato: Eu acho que é uma metáfora, uma imagem que é muito forte para entender o Lévi-Strauss. Nesse mesmo capítulo que eu mencionei, ele diz que tem três amantes: o marxismo, a psicanálise e a geologia. Quer dizer, o materialismo do marxismo, a ideia do inconsciente na psicanálise, são todas críticas, críticas à razão suprema, e a ideia de buscar as coisas por detrás. A metáfora da geologia também é importante, porque é pensar o que está por trás das coisas numa metáfora física, material, que não é simplesmente uma abstração, algum produto de um idealismo descolado, mas é voltado para o mundo físico, geológico. Acho que essa paixão dele pela geologia é algo que merecia ser melhor investigada. Para além desta metáfora, quando ele fala “meu pensamento é um pensamento ainda dessa idade da pedra”, um pensamento que não se rende ao conceito, à supremacia do conceito, desligado do mundo concreto, que ele vai desenvolver depois, em *O Pensamento Selvagem*, com a ideia de ciência do concreto e de lógica do sensível². Um pensamento neolítico não se curva a um pensamento filosófico absolutamente abstrato, longe das coisas, da experiência, muito centrada na ideia do sujeito supremo. É um pensamento que não consegue se adequar a essa filosofia

standard, idealista, racionalista e tudo mais. Essa paixão pelo concreto, que, no limite, é um pensamento muito mais poético do que lógico, do que abstrato. É um pensamento que pensa através das coisas, que encontra justamente por isso uma ressonância com o pensamento de outros povos.

Isso vai ter um desenvolvimento teórico anos depois, n' *O Pensamento Selvagem*. *Tristes Trópicos* é de 1955, que fala de uma experiência dos anos 30, e *O Pensamento Selvagem* – que é o grande livro que torna o Lévi-Strauss lido pelos filósofos e outros – é um livro de 1962. A noção de pensamento selvagem tem a ver com o que a gente está discutindo aqui, não é o pensamento dos selvagens, é uma região selvagem do pensamento, é algo que todo mundo pode pensar e é o que permite o Lévi-Strauss se comunicar e se identificar com esses povos não-ocidentais, porque ele pensa selvagememente e ele reconhece nos outros algo que ele reconhece no próprio pensamento dele.

O primeiro capítulo d' *O Pensamento Selvagem*, também super conhecido, que se chama “A Ciência do Concreto”, uma forma de pensar – que está muito presente na mitologia, nas operações da magia, no totemismo – que não é incapaz de produzir abstrações, pelo contrário, ela produz abstrações, mas ela pensa a partir das coisas. Ela usa o mundo pra falar do mundo, e não conceitos pretensamente transparentes para falar do mundo. Esse é o problema do totemismo: os homens que se apropriam de elementos do mundo natural, por exemplo pássaros, para pensar as diferenças no mundo social. Ou seja, ela se apropria de elementos do mundo para pensar o mundo, a existência. A oposição entre um pássaro carniceiro e um pássaro predador carnívoro me possibilita pensar a desigualdade entre dois grupos de homens, por exemplo. Eu penso através do mundo, eu penso com as coisas, eu não penso as coisas diretamente, mas eu penso o mundo com pedaços do mundo. O pensamento mítico, ele vai falar, é uma bricolagem intelectual, no sentido que ele se constrói como pensamento a partir de elementos extraídos do mundo sensível. Então ele extrai esses pedaços do mundo para criar um todo significativo. O pensamento selvagem e a ciência do concreto operam por meio de signos, que são esses seres duplos, compostos de uma realidade sensível de um lado e uma realidade inteligível de outro, mas isso está sempre acoplado, diferentemente de um pensamento domesticado que tem como expoente principal a ciência moderna e a filosofia também, que vai tentar pensar o mundo não a partir desses signos, que tem essa qualidade dupla de sensíveis e inteligíveis, mas que tentam pensar o mundo a partir de conceitos transparentes, que tentam se purificar, para usar uma palavra [Bruno] Latour. Dessa realidade sensível, eles tentam atingir o mundo a partir de instrumentos puramente inteligíveis. Claro que essa oposição, como todas as oposições, não é absoluta, mas são boas para pensar. Lévi-Strauss dá o exemplo, n' *O Pensamento Selvagem*, da arte ocidental, que segundo ele seria o parque nacional do pensamento selvagem no pensamento domesticado. É na arte que a gente volta a pensar selvagememente, a gente volta a fazer isso, coisas que a ciência, a filosofia roubaram da gente tentando estabelecer um outropatamar.

É interessante a gente pensar *O Pensamento Selvagem*, que é um livro central na obra do Lévi-Strauss, como um divisor de águas, por várias razões. Recentemente, *O Pensamento Selvagem*, *O Totemismo Hoje*, *Tristes Trópicos* e as “*Pequenas Mitológicas*” – que são os últimos livrinhos, não as grandes *Mitológicas* – foram reunidos naquela coletânea chamada *Plêiades*, de grandes autores franceses, e tem comentários de alguns dos autores que organizaram essa coletânea. Um deles é um filósofo, chamado Frédéric Keck e ele fala uma coisa que eu acho que é muito reveladora, se a gente for olhar a

construção do livro *O Pensamento Selvagem*, ele é, também se constrói como uma bricolagem. Não é um livro demonstrativo, como era *As Estruturas Elementares do Parentesco*, como é também *O Totemismo Hoje*, que é um livro gêmeo de *O Pensamento Selvagem*. Ele é um livro absolutamente feito de fragmentos, da junção de fragmentos e ele vai se construindo assim, nessa junção de pedaços, quer dizer, etnografias do mundo inteiro, filósofos são mencionados, tem uma discussão sobre botânica e, de repente, você vai para uma discussão sobre onomástica, você vê a palavra de um indígena, logo e seguida, no parágrafo seguinte, tudo isso discutido à luz de um filósofo moderno, ocidental. É um livro absolutamente complexo, que trabalha com essa lógica da bricolagem. Frédéric Keck, que atenta para esse ponto, fala que, não à toa, outra chave para entender a arquitetura do pensamento selvagem é pensar a relação entre a ideia de bricolagem e de bricolagem intelectual e a própria ideia de colagem dos surrealistas. Se *O Pensamento Selvagem* é um livro que está muito focado nessa ideia, está usando muito a arte como mediador para nós e o “mundo dos selvagens”, entre aspas, e o mundo da modernidade, da ciência, da filosofia. Quer dizer, a arte tem um lugar fundamental aqui, então tudo se passa como se *O Pensamento Selvagem* se pensasse como uma colagem ao estilo de um texto ou de uma pintura surrealista. Sabemos que Lévi-Strauss teve muito contato com [André] Breton, com Max Ernst, uma proximidade com esses artistas, com esses autores. Sobretudo – acho que isso está na obra toda do Lévi-Strauss – a partir de *O Pensamento Selvagem*, Lévi-Strauss começa a apostar mais a fundo nessa ideia que o objeto do pensamento dele não é simplesmente algo exterior, mas algo que deve estar presente na construção do texto dele e algo que deve, necessariamente, estar impregnado dentro do próprio pensamento dele. *O Pensamento Selvagem* é um livro que se constrói como um pintura surrealista.

As *Mitológicas* são a grande obra dele, são construídas como uma sinfonia musical, como uma certa música, sinfônica, tonal, que vai ter o seu ápice com o Wagner e com a tetralogia [O Anel do Nibelungo], que aliás é o que ele empresta como inspiração para construir a tetralogia dele. Ele diz no final de *O Homem Nu*, “se o Wagner fez uma sinfonia musical, eu quero agora fazer uma sinfonia de sentido”. Enfim, acho que *O Pensamento Selvagem* tem essa virada estilística que não está ainda tão presente n’*As Estruturas Elementares [do Parentesco]* e n’*O Totemismo Hoje*, os textos mais programáticos da antropologia estrutural, mas que, a partir de então, vai ficar muito presente a ideia de que existe uma ressonância entre o que ele vê e o que ele pensa. Porque, o que ele vai buscar também nos índios é algo está no modo como ele pensa e também.

Acho que um dos grandes temas lévi-straussianos é essa vontade de romper a dualidade entre inteligível e sensível. Não é à toa que ele tem essa paixão pela arte, pela música. No *Tristes Trópicos* ele vai deixar isso claro “quis ser um compositor, e não consegui, também quis escrever uma peça de teatro, e um romance – o *Tristes Trópicos* era para ser um romance”, e depois ele reproduz uma peça de teatro. Trata-se da vocação dele de pensar, mas não por um método acadêmico, e sim por algo mais artístico, essa ressonância que ele encontra no modo de pensar desses povos, que é um modo de pensar que recusa, de certa maneira, uma oposição entre inteligível e sensível, e que é uma oposição, no limite, recusada pela própria ideia de signo que o Saussure vai estabelecer. Não é à toa que ele vai eleger a linguística, dentro das ciências humanas, depois a música, para compor essa proposta de antropologia.

EDSON: Então *O Pensamento Selvagem* seria um livro mais de bricolagem surrealista, enquanto as *Mitológicas* estariam mais para uma sinfonia romântica-clássica. Mas como se dá a passagem de um para o outro, as continuidades e descontinuidades?

Renato: *O Pensamento Selvagem*, de certa maneira, sintetiza esse aspecto “bricolístico” de todo o pensamento. A partir de *O Pensamento Selvagem*, você tem essa ideia do autor quemimetiza o objeto do seu pensamento, da sua obra, mas mimetizar não só num sentido de simplesmente imitar, mas de criar junto, de se aproximar, acho que tem muito ver com a ideia de devir, do Deleuze, de você se deixar afetar por aquilo e produzir a partir daquilo. *O Pensamento Selvagem* ainda é um livro, digamos assim, que está falando do pensamento humano e não está focando num lugar. As *Mitológicas* elas vão se centrar na América, acho que isso é muito importante, são duas empreitadas diferentes. Mas acho que Lévi-Strauss arquitetou de fato a obra dele, então todo mundo. Ele mesmo diz que todo mundo achava que *O Pensamento Selvagem* era o ápice do pensamento dele, era o momento mais importante porque era o livro que finalmente discutira com a filosofia como uma resposta para a filosofia, então ela vai dialogar com Comte, Rousseau e termina no Sartre, passando pelo Bergson. Fala em entrevistas, inclusive na abertura de *O Cru e o Cozido* que *O Pensamento Selvagem* nada mais é do que uma pausa, um preâmbulo às *Mitológicas*. Porque o interesse dele – e aí acho que é uma definição forte de antropologia – não é dizer o universal, mas é perseguir o espírito humano, seja lá o que isso signifique, a partir de um campo etnográfico preciso. Ele viveu pra escrever as *Mitológicas*, e não para escrever *O Pensamento Selvagem*. Como alguns filósofos pensam, “não, ele escreveu um grande livro, *O Pensamento Selvagem*, depois ele recuou para as *Mitológicas*”, que é aquela loucura de ficar colecionando mitos e perseguindo coisas. Eu acho que se a gente for ortodoxo na leitura daquilo que ele tá realmente propondo, *O Pensamento Selvagem* é uma preparação para as *Mitológicas*. Quer dizer, ele identifica no *O Pensamento Selvagem* um *modus operandi* do pensamento que vai ser absolutamente presente no pensamento mitológico dos ameríndios, quer dizer, ali o pensamento selvagem vai atuar a todo vapor. Para Lévi-Strauss, o que importa é muito mais perseguir a atuação desse pensamento do que estabelecer o que é esse pensamento. Não que ele não se interesse pelos universais, mas acho que ele está querendo entender como esse pensamento selvagem, que é uma potencialidade de todo pensamento, se realiza, se atualiza, se potencializa no pensamento mitológico dos índios da América do Sul e da América em geral. A investigação nas *Mitológicas* sobe até o Noroeste da América do Norte, então essa é a grande empreitada, é acompanhar o desenvolvimento do pensamento selvagem e não dizer simplesmente quais são as bases deste pensamento. Aí que ele entra nessa obra maior, que eu acho, que são as *Mitológicas*.

EDSON: Pela primeira vez o pensamento indígena, nesse formato de mito, nessas narrativas, é trazido para o mesmo estatuto, um “olhar de igual para igual”, em diálogo com o pensamento filosófico ocidental, não é?

Renato: Isso já está presente na obra dele, essa ideia de que é preciso levar a sério o pensamento dos indígenas. Tem aquela célebre passagem da “Introdução à obra do Marcel Mauss”³, ele vai falar que, na verdade, o problema do Mauss foi ter aderido a uma teoria nativa, não ter buscado uma teoria geral. É preciso levar a sério a teoria dos outros, mas é preciso construir uma outra teoria, dessa vez não mais aderir ao pensamento dos outros, mas se colocar em outro plano, um plano além. Eu acho que no Lévi-Strauss uma tensão. Ele tem aquele texto, [“Lugar da antropologia nas ciências sociais e problemas colocados por seu ensino”], que está no final do *Antropologia*

Estrutural, em que ele faz aquela distinção que é bastante comentada, entre a antropologia, a sociologia e a etnologia. E ele faz uma primeira distinção entre antropologia e sociologia, dizendo que a sociologia é a ciência do observador, ela observa o mundo a partir do ponto de vista de um observador, que é o observador ocidental, moderno etc. E a etnologia é uma ciência social do observado, ela quer entender o ponto de vista do observado, o que os índios dizem sobre o mundo, é essa a missão da etnologia. E existiria essa terceira coisa, transcendente, que é a antropologia, que tentaria estabelecer uma síntese entre esses dois pontos de vista, do observador e do observado para produzir uma visão geral, uma visão de Deus, digamos assim. Isso que daria a cientificidade da antropologia. Acho que no Lévi-Strauss existe uma tensão entre o antropólogo, essa missão antropológico-científica de estar além dos pontos de vista e outra coisa que eu acho que fica mais clara a partir d'*O Pensamento Selvagem*, nas *Mitológicas*, sobretudo – daí que o Eduardo Viveiros de Castro vai dizer que as *Mitológicas* são uma obra pós-estruturalista. Não que ele esteja negando uma visão distante, um olhar distanciado, mas acho que já não acredita mais nessa fusão de pontos de vista. A obra dele não é simplesmente uma tentativa de superar a oposição entre o ponto de vista do observador e do observado, mas é construir um discurso que é dele, Lévi-Strauss, e não de um antropólogo, que é um cientista, que seguia por um método absolutamente rigoroso, mas é um discurso que mimetiza, de certa maneira, o discurso dos outros. É o que ele vai falar n'*O Cru e o Cozido*, que é um livro sobre a mitologia, mas é também um mito, é também mitologia, é o mito da mitologia, então ele não está fora do regime de discurso da mitologia, ele está dentro. E mais, ele está apostando numa teoria do conhecimento antropológico que conhecer o outro é experimentar e mimetizar o pensamento desse outro também, então é um livro-mitologia. As *Mitológicas* são também uma mitologia, é um pensamento que imita também o pensamento mítico e não se sobrepõe a ele. Aqui a gente está naquilo que o Márcio Goldman e o Eduardo Viveiros de Castro, inspirados no Bruno Latour, vão chamar de antropologia simétrica. Pra mim, pelo menos, nada mais antropologia simétrica do que isso que Lévi-Strauss fala n'*O Cru e o Cozido*. Para entender a mitologia é preciso pensar como ela, e não simplesmente ficar longe, ficar de fora absolutamente. Então acho que aí tem uma virada, mas que não é uma virada absoluta, porque isso já está presente desde os *Tristes Trópicos*, quando ele diz, “fui buscar os índios porque tenho o pensamento neolítico, e queria experimentar esse pensamento que a filosofia não me deu oportunidade. Ali, na América do Sul, no campo que eu fiz, eu consegui experimentar isso quando eu conversei com aquelas pessoas”.

Há duas leituras possíveis de Lévi-Strauss, mas acho que, via *Mitológicas*, é a mais importante e ela está no primeiro Lévi-Strauss de alguma maneira, no final do *Totemismo Hoje*. Quando ele vai discutir Bergson, por exemplo, ele vai falar, “Bergson é um filósofo que pensa como um selvagem”. Muitas vezes tomou-se isso como uma crítica feroz ao Bergson, mas não, eu acho que é o contrário, e aí você já tem uma passagem, quer dizer, ele está dizendo, de certa maneira ela termina o *Totemismo Hoje*, que é o livro mais demonstrativo, mais aparentemente careta, digamos assim, mas acho que o final dele é surpreendente, acho que é uma das partes mais bonitas do Lévi-Strauss, ao mesmo tempo o momento em que ele faz as pazes com a filosofia. É um livro de história da antropologia *O Totemismo Hoje*, até o final do capítulo 4, ele faz uma grande varredura das teorias antropológicas sobre o Totemismo, e no capítulo 5, ele começa falando de Durkheim, e vai falar de Bergson e de Rousseau. Justamente, se

naquele capítulo de *Tristes Trópicos*, ele diz que se afastou da filosofia, dessa filosofia do sujeito, dessa filosofia que congela tudo, que coloca o sujeito supremo, um “eu penso”, que separa o homem do mundo natural, toda essa filosofia que não interessava a ele – e que ele viu um contraponto nisso na antropologia, viu um contraponto disso no pensamento dos índios –, ele reencontra nesses filósofos, como Bergson e Rousseau, um contraponto a essa filosofia *standard* e uma crítica possível também a essa filosofia do sujeito, em que há essa separação radical entre o homem e a natureza, o mundo natural. Ele termina [*O Totemismo Hoje*] com a ideia de piedade, da identificação do homem com o mundo natural como condição de todo o pensamento. É porque eu vejo uma semelhança entre eu e uma planta, ou um animal, que eu consigo pensar. Pensar, ponto, pensar o mundo. É por conta dessa aproximação que eu consigo me apropriar do mundo como ferramenta de pensamento. E isso é tanto algo que o Rousseau falou, que o Bergson teria falado também. Há uma diferença, que eu não vou abordar aqui, entre esses filósofos, mas ele encontra nesse pensamento totêmico e que é um pensamento que é um caso particular de algo maior, que é essa ciência do concreto, maior ainda esse pensamento selvagem. Então ele se aproxima de uma outra filosofia, que é também uma filosofia que vai estar presente no pensamento dos ameríndios.

Ele fala desses filósofos que pensam como selvagens. O Bergson pensa como selvagem, e isso eu vejo não como uma crítica a esse filósofo, pelo contrário, é a possibilidade de reencontrar no pensamento ocidental temas fundamentais de um pensamento outro, no caso o pensamento indígena, australiano, ameríndio. Nada mais é do que o que Eduardo Viveiros de Castro faz quando mostra essa conexão entre o pensamento do Deleuze e do Guattari e o pensamento ameríndio. Com essas ideias de devir, de afecção, quer dizer, a gente pode sim buscar ressonâncias entre o pensamento de pensadores ocidentais e o pensamento indígena mesmo. E eu acho que essa é uma das passagens mais bonitas do Lévi-Strauss, que está ali, no final d’*O Totemismo Hoje*. Nessas várias vezes que Lévi-Strauss recorre a Rousseau, ele recorre a Rousseau como antídoto para a ideia do cogito, do penso logo existo, essa separação entre o homem e o natural. Quando Rousseau diz que a condição do pensamento é a identificação com o outro, e esse outro não é necessariamente humano, ele é animal, ele é planta, isso é condição para o pensamento. E aí se gente for pensar o que é esse pensamento mítico senão justamente esse pensamento que se coloca nesse momento anterior dessa passagem que é fundamental pro Rousseau da natureza para cultura. É um pensamento que se coloca como possibilidade de pensar o mundo em que essas coisas não estavam separadas. Lévi-Strauss diz que, se você perguntar para um índio o que é o mito, ele vai dizer que é uma história do tempo em que os animais ainda eram humanos, ou coisa do tipo. A mitologia é esse pensamento que recusa essa passagem, que se coloca anterior a essa passagem, e tudo se passa como se pensar fosse a possibilidade de imaginar esse mundo anterior de uma certa passagem da natureza pra cultura ou, em outros termos, que acho mais interessantes, a passagem do contínuo ao descontínuo. Essa é a grande experiência que a mitologia coloca, e é uma experiência filosófica no sentido do Rousseau também, os mitos estão sempre falando deste tema. Por exemplo, os animais eram gente, a onça era sogra ou cunhada de um homem, você tem o casamento de um mortal, de um terreno, com uma mulher estrela, ou de um homem estrela que desce. Quer dizer, você tem essa super comunicação entre os planos, que vai deixar de existir, mas que é preciso pensar nessa comunicação para poder pensar no mundo, não é possível pensar o mundo a partir da separação.

Me parece muito injusta a crítica que se faz do Lévi-Strauss de um pensador da oposição entre natureza e cultura. Lévi-Strauss parte dessa oposição, mas para mostrar que ela é relativa. Acho que no próprio [O] *Pensamento [Selvagem]* ele vai dizer que ela é metodológica, ela é um ponto de partida pra pensar. E se a gente for levar a sério o que ele for falar sobre Rousseau e o que ele vai analisar nos mitos, vai mostrar que é possível pensar um mundo onde essa passagem não tivesse sido feita. Há a ideia também de que a passagem do contínuo ao descontínuo, da natureza para a cultura, não é uma passagem absoluta, que pode ser encontrada num tempo, mas é algo que está sempre acontecendo, e o inverso pode ser pensado também. No [livro] *O Cru e o Cozido*, vai focar nesses mitos que falam na conquista da cultura, do fogo, dos adornos, das plantas cultivadas etc. E no [livro] *Do Mel às Cinzas*, ele fala muito de mitos que falam justamente da volta pra natureza, de coisas que eram dos homens e que foram perdidas pelos homens, como por exemplo o mel. Por isso que existe esse trânsito de um mundo para outro, é preciso uma intermediação entre o mundo humano e o mundo não-humano, e aí a figura do tabaco, que é por definição o instrumento do xamanismo, que nada mais é do que essa possibilidade de refazer a separação que foi estabelecida no mito. O xamã junta o que está separado. Com isso ele vai tecendo um plano desse pensamento ameríndio.

Eduardo Viveiros de Castro faz uma interpretação absolutamente brilhante desse percurso das *Mitológicas*, de como elas são também uma maneira de reflexão sobre esse pensamento ameríndio e sobre essa outra maneira de pensar. Fica clara essa ideia de que as *Mitológicas* são uma obra que, menos do que pensar sobre o mundo ameríndio ou que quer extrair dos mitos ameríndios regras e o funcionamento ou um espírito universal. Ela é mais que isso, é uma obra que mimetiza o pensamento indígena, que pensa o mito e o mundo indígena de uma maneira semelhante ao mito e o pensamento indígena. A mesma coisa ele faz com a música, são livros supermetalinguísticos e miméticos. Ele mimetiza a música – a música ocidental, sinfônica, tonal – porque aposta que o mito, a mitologia, opera com as mesmas estruturas que a música. Ele mimetiza ao mesmo tempo a música, essa música sinfônica, tonal, e o pensamento mítico, mitológico, tal como aprendido nos povos ameríndios. Ele se deixa afetar, é uma obra absolutamente singular. Não é um pensamento sobre alguma coisa, que paira sobre alguma coisa, mas pensa com alguma coisa, pensa com o mundo ameríndio.

Eu poderia dizer que ele tem uma vocação propriamente antropológica. Se você for levar a sério o que Eduardo Viveiros de Castro, Márcio Goldman, mesmo Marilyn Strathern, estão falando, esses autores que hoje em dia a gente chama de antropologia simétrica. Acho que é mais ou menos isso, levar adiante essa vocação mimética na antropologia. Mas não no sentido passivo, não é essa coisa pós-moderna de evocação, de que eu não tenho mais o que falar aí eu evoco a voz do outro, não é isso. Essa ideia de mimetização é construir um pensamento junto com o outro, mas esse pensamento vai ser uma outra coisa, não é simplesmente um eco na voz de um outro, é pensar junto, é mimetizar, é uma experiência, uma experiência de pensamento.

Voltando à filosofia, da filosofia política que a gente tinha falado. Hoje em dia, Lévi-Strauss foi sempre muito crítico com relação à filosofia. Falava sempre que estava se afastando da filosofia, que a antropologia era uma ciência, em contraposição àquilo que seria a filosofia. Mas temos vários indícios na obra dele de uma reaproximação com a filosofia, uma outra filosofia não como aquela filosofia que ele identificou como filosofia

do sujeito – que está presente de Descartes a Sartre, que é um autor com quem ele vai realmente brigar –, mas dentro da filosofia ocidental ele vai escolher alguns autores, como o Rousseau, para estabelecer um contraponto, segundo Lévi-Strauss, a esse pensamento mais cartesiano. Mas ele também vai falar – e isso é uma coisa que o [Eduardo] Viveiros de Castro também enfatiza bastante – em filosofias indígenas. Em vários momentos ele vai falar em filosofias indígenas. Até o texto que ele escreve na revista *L'Homme*, que é um posfácio a uma edição sobre o parentesco [Lévi-Strauss, 2000], em que ele vai falar que uma das coisas que mais alegram ele na nova antropologia indígena é uma reaproximação com a filosofia, mas não uma filosofia que ele se distanciava, mas com a filosofia dos outros, a filosofia dos indígenas, etc e tal, todo o trabalho do Viveiros de Castro, com as metafísicas da predação, metafísicas canibais etc.

Nos último ano Lévi-Strauss tem sido lido por filósofos que tentam buscar nele uma outra filosofia, uma nova filosofia, o estruturalismo como portador de uma nova filosofia. Não sei se ele estaria de acordo, mas é o que muitos autores têm mostrado. Por exemplo, um filósofo francês, chamado Patrice Maniglier, que tem um diálogo muito grande também com Viveiros de Castro e outros leitores do Lévi-Strauss. Ele tem um texto muito interessante chamado o “Humanismo interminável de Lévi-Strauss” [2000], em que ele vai mostrar que umas das contribuições de Lévi-Strauss é uma crítica que ele faz ao humanismo, à noção de homem. Foucault havia falado nisso, em *As Palavras e as Coisas*, que a etnologia de Lévi-Strauss permite dissolver o homem, mostrar que o homem em si é uma questão, é um problema recente, muito mais recente do que a gente imagina. Portanto, se o homem é uma construção muito mais recente do que a gente imagina, o humanismo tem que ser repensado também. Isso está desde os primeiros textos – fica muito forte na leitura que Lévi-Strauss tem do Rousseau, mas aparece nas *Mitológicas* também – uma crítica ao humanismo que toma o homem como separado do mundo natural. Ele vai dizer que para pensar o homem é necessário pensar o homem dentro do mundo e não fora do mundo, é preciso pensar o homem a partir da identificação necessária que ele estabelece com as outras espécies, e essa identificação é a matéria do pensamento mítico, acho isso muito importante.

Tem uma passagem, que é também bastante célebre, do final de *A Origem dos Modos à Mesa*, o *Mitológicas* 3, que ele volta a esse tema, e vai fazer novamente uma crítica a Sartre, retomando a crítica que ele fez no final de *OPensamento Selvagem*. Neste livro ele faz uma crítica a essa supremacia da figura do sujeito que está no pensamento do Sartre. A partir desse sujeito autônomo, dessa ideia de uma liberdade individual e da própria ideia de história que é feita por esse sujeito livre. Lévi-Strauss mostra que é preciso repensar esse sujeito, que é preciso dissolver o sujeito. E dissolver o sujeito não é abolir o sujeito, não quer dizer que não existe o sujeito, só existem estruturas. Dissolver o sujeito, ele diz, é uma metáfora química, você coloca o sólido num líquido e você percebe que esse sólido era composto por partes diferentes e que ele tem relação com esse meio líquido. O que era individuado pode ser desindividuado. Ele pertence também, ele pode pertencer àquele outro meio. Dissolver o sujeito é um recurso metodológico para pensar a relação do sujeito com o meio na qual ele vive e colocar a individuação desse sujeito, esse sujeito como entidade única, como um fase possível, mas não como uma realidade primeira. Ele quer mostrar que existe uma relação fundamental entre o homem e mundo natural que não pode ser retirada, que não pode ser desconsiderada. Daí que ele vai falar nesse final de *A Origem dos Modos à Mesa*, que o

humanismo mais razoável tem que colocar o homem dentro, ao lado das espécies, o homem ao lado dos outros homens e a humanidade ao lado do mundo natural, que por sua vez faz parte de um mundo mais geral do universo. É dissolver esse homem no seu meio e pensar o homem em relação, o eu em relação ao outro e o homem em relação ao mundo, esse é o princípio ético que ele extrai, que tem um regimento filosófico. Mas ele está extraindo isso do final do terceiro volume das *Mitológicas*, a conclusão que ele tira de uma série de mitos ameríndios que vão falar sobre, em primeiro lugar, uma lógica, uma ética de boa distância entre os diferentes seres do cosmo. Mais especificamente, quando ele vai desenvolver essa ideia, se não me engano, ele está falando das concepções de corporalidade que essas pessoas têm. Aí ele faz um brincadeira maldosa com o Sartre: ele diz que, se pro Sartre o inferno são os outros, e todo problema é como a gente se distanciar dos outros para garantir a nossa paz, nos mitos ameríndios o que aparece é que o inferno somos nós mesmos. É preciso controlar o nosso corpo, as nossas substâncias, os nossos fluidos, porque o nosso corpo, o que acontece no nosso corpo tem uma implicação direta com o que acontece com o mundo, como cosmos. Eledá como exemplo a reclusão de meninas que menstruaram, elas precisavam entrar em reclusão porque aquela desordem que acontece no corpo delas tem um efeito, pode ter um efeito para sociedade e para o cosmos. Quer dizer, a realidade física daquelas pessoas não é assunto só delas, não compete só a elas, mas está em relação com toda uma outrarealidade, física e metafísica do cosmo e da sociedade. Então, o inferno não são os outros, somos nós mesmos. Temos que saber controlar os nossos fluidos para viver num mundo social, portanto, num mundo cósmico. Tem toda uma ética do sujeito que parte do princípio – que é uma ética indígena – de que este sujeito está integrado a um mundo maior. As próprias substâncias que compõem aquele corpo não dizem respeito apenas a ele, mas dizem respeito às relações, e estas relações são entre pessoas e são entre pessoas e o mundo. Então tem um princípio ético que aparece via mito e rito indígena e que ele, na verdade, assume como algo que deve ser colocado para nós também.

EDSON: Esta parte final de *A Origem dos Modos à Mesa*, é aquela chamada “A moral dos mitos”. No limite, então, temos uma moral indígena, que aparece via mito e ritual, que Lévi-Strauss traz para a arena dos debates filosóficos?

Renato: Há um ponto fundamental das *Mitológicas*, em que ele fala, “eu vim batendo na tecla de que a lógica do pensamento indígena e o pensamento ocidental são exatamente a mesma, são os mesmos princípios lógicos que regem esses dois tipos de pensamento, ou as duas filosofias. Existe, no entanto, um afastamento que eu gostaria de deixar claro, que não é um afastamento lógico, mas é um afastamento moral.” Quer dizer, as filosofias morais indígenas são muito distintas das filosofias morais ocidentais, por quê? Porque as filosofias morais ocidentais, ou seja, a ética ocidental, elas partem do princípio de um sujeito, que é um sujeito unitário, autônomo, de uma certa maneira que vai dar na discussão dele com o Sartre, no sujeito supremo, livre, sem amarras. Essa é a crítica que o Sartre faz a Lévi-Strauss, de criar o sujeito amarrado, preso, e ele vai dizer que você tem uma outra filosofia moral que se constitui por conta de uma outra filosofia do sujeito, outro sujeito. Ele vai abordar uma série de mitos que perpassam essa terceira *Mitológicas*, vai falar dos cuidados com o corpo e, por conseguinte, os ritos que estão associados a esse cuidado com o corpo, ritos de passagem que vão mostrar que certos momentos pelos quais os corpos passam precisam de um acompanhamento, de um cuidado especial. Por exemplo, esses vastos sistemas de reclusão que estão presentes em todas as sociedades indígenas. Essa ideia de que o seu estado corporal pode ter um efeito não só sobre você, mas sobre pessoas próximas a você e sobre a

sociedade e mesmo sobre o mundo, sobre o cosmos. Por isso, é preciso controlar esse sujeito, porque ele não é autônomo nesse sentido, ele depende de relações, ele é um feixe de relações, ele não é algo unitário. Essa ideia de um sujeito que é pura relação e não é entidade, um ser absolutamente individuado, está presente em vários estudos sobre a noção de pessoa ameríndia e também de outros povos. Como, por exemplo, no trabalho da Marilyn Sthrathern sobre a Melanésia. Ele está mostrando que é preciso dissolver o sujeito nesse sentido. Se as nossas filosofias, não todas, mas grande parte, apostaram nessa ideia de sujeito único, unitário, e portanto livre, que faz sua própria história, outras filosofias apostaram em outros tipos de sujeito, e isso tem uma consequência ética que é muito diferente. Ele termina *A Origem dos Modos à Mesa* atentando para esse outro princípio, esse outro estatuto ético que está presente nas filosofias indígenas e esse princípio ético pode ajudar a gente hoje. Quando ele escreve aquilo, acho que em 1968, isso pode não ter surtido tanto efeito, mas hoje se a gente for pensar em termos de filosofia política, a questão da natureza, do mundo natural voltou no centro. Vide os trabalhos de [Bruno] Latour, do *Políticas da Natureza*, a própria ideia da Isabele Stengers de cosmopolítica, toda discussão hoje em torno da ecologia política, quer dizer, a ecologia, o mundo deixou de estar fora da política para estar dentro. E isso porque a gente sabe hoje, mais do que nunca, que se esse mundo ficar fora, o mundo vai, provavelmente acabar. Temos que trazer essas coisas para dentro da política, é o que o Latour está dizendo. O parlamento das coisas, que o próprio Viveiros de Castro tem discutido bastante. Isso estava no Lévi-Strauss, mas ele escreveu isso em 1968, 1969, num momento inclusive em que estava sendo pichado nas paredes das ruas que o estruturalismo não desce às ruas. Justamente uma das críticas que se faz ao estruturalismo é que não se extrai dele uma política. Se formos pensar nesse mesmo ano em que Lévi-Strauss escreve *A Origem dos Modos à Mesa* e que ele reage de maneira muito reservada a 1968 – fala, “eu não tenho nada a ver com isso”, “eu não entendo nada” –, você tem autores como Lucien Sebag e Pierre Clastres que estão querendo fazer uma reconciliação entre esse estruturalismo e o problema político – marxista, no caso do Sebag, e outra política no caso do Clastres. Mas é interessante que o Clastres – que vai propor uma antropologia política a partir do estruturalismo, negando de certa maneira o estruturalismo, dizendo que o estruturalismo esquece a sociedade, que não tem uma filosofia política – vai fazer uma filosofia política muito forte, uma antropologia política inspirada nas filosofias políticas ameríndias de uma maneira muito sagaz e forte, mas ele vai justamente deixar de fora esse elemento que é fundamental e que o Lévi-Strauss justamente encontrou ali, nas *Mitológicas* que é o mundo. Como pensar, como fazer uma política e como pensar uma filosofia política ameríndia que coloque o mundo natural fora do domínio da política dos homens?

Acho que tem uma contribuição interessante. Lévi-Strauss está fazendo render uma reflexão sobre ética, sobre filosofia política que só ganharam desenvolvimento hoje com outros autores, mas que já está lá. Acho que isso é um dos exemplos de como é possível um pensamento novo que se dá nessa mimetização de um pensamento indígena. Ele está buscando princípios éticos de uma filosofia política a partir de elementos que já estão no pensamento indígena, e a gente sabe que o Lévi-Strauss mais velho, que é o pós-*Mitológicas*, teve vários artigos, ensaios em que ele vai voltar a esse tema, o problema da destruição do mundo natural, o problema do lugar do homem no mundo, o problema do desenvolvimento. Tem toda uma reflexão não sistematizada do Lévi-Strauss sobre isso. É importante ser retomada. E mais uma vez, se existe uma ética, uma

filosofia política no Lévi-Strauss, ela é sempre em consonância com esse pensamento ameríndio. Porque de fato ele acha que ali tem uma solução muito mais interessante do que a solução que a gente deu quando colocou o sujeito acima de tudo, o sujeito humano acima de tudo, a história, acima de tudo, essa história feita pelos homens como o modo de pensar a *práxis* e por aí em diante. Acho que hoje a gente tem elementos pra repensar uma filosofia política e a ética lévi-straussiana/ indígena, uma coisa que eu gosto de pensar também.

Acho que tem uma coisa que eu identifico também nessa ética de filosofia política lévi-straussiana que é, de novo, fortemente mimetizada e inspirada numa ética de filosofia política ameríndia. Tem também um elemento forte de profetismo. É interessante você pegar o final dos livros do Lévi-Strauss. Até nas *Estruturas Elementares do Parentesco* isso já está, mas no *Tristes Trópicos* isso está muito forte, nas *Mitológicas* isso está muito forte, que é essa ideia de que o mundo vai acabar. No *Tristes Trópicos* é isso, ele começa a falar da entropologia, que a antropologia será uma entropologia, que é a descrição de um mundo que está se perdendo. É a lei da termodinâmica: tudo vai virar a mesma coisa e a gente não vai mais ter o que estudar. É interessante a gente pegar esses textos, ele termina no olhar dele com o gato. Quer dizer, a única coisa que sobra é esse olhar complacente que ele troca com o animal, que é o único animal que sobrou, que é o animal doméstico, mas que é o que ainda permite você ser humano. É nessa diferença que a humanidade se constrói. Enfim, n' *O Pensamento Selvagem* ele tem toda aquela coisa da dissolução do sujeito. N' *A Origem dos Modos à Mesa* ele vai falar desse novo humanismo. E no final d' *O Homem Nu*, aí é o fim do mundo mesmo. Ele retoma aquela ideia da dissolução do sujeito lá d' *O Pensamento Selvagem*, retoma essa ideia do humanismo, retoma essa relação do homem com a natureza. A Beatriz Perrone-Moisés gosta muito de lembrar desse final. Do final em que ele volta ao povo do sol que ele descreve no *Tristes Trópicos* como essa imagem de algo que vai, desse jogo de luzes que vai cedendo até chegar numa escuridão total e ele retoma essa imagem para falar do homem. O homem tem que ser pensado dentro do mundo natural, que por sua vez tem que ser pensado dentro de um universo que, por sua vez, tem que ter em mente a sua finitude. Tudo vai voltar a estar dissolvido nesse mar.

Isso tudo teria que pensar melhor para falar, mas o homem tem que ser pensado dentro do mundo natural, que por sua vez tem que ser pensado dentro de um universo que, por sua vez, tem que ter em mente a sua finitude. Ele puxa um pouco uma discussão sobre ética e filosofia política a partir dessas imagens meio proféticas: de que vale a gente se aferrar nessa nossa civilização de sujeito, de liberdade, de história, se no final tudo vai voltar a se dissolver num grande magma e o mundo vai, então, acabar? Essa imagem profética eu fico me perguntando se ela não é, mais uma vez, uma ressonância entre o pensamento dele e o pensamento indígena, porque a gente sabe que pipocam profetismos e tem essa imagem do cataclismo, do fim dos tempos, da queda do céu, do incêndio universal, do dilúvio. São imagens muito importantes, são imagens que produzem um movimento que muitas vezes tem um sentido político. Então, às vezes eu fico pensando também – até escrevi um pouco sobre isso –, que esse discurso do Lévi-Strauss nesses finais de livros também acabam lembrando discursos de xamã, como o Davi Kopenawa Yanomami, que vai falar da queda do céu. O Bruce Albert diz que é uma crítica xamânica ao nosso mundo, ao desenvolvimentismo. O que Davi Yanomami vai falar: que a gente não sabe que a nossa ação está conjugada com o mundo natural, e que o mundo natural também é feito de subjetividades que não é possível separar. É porque

a gente não sabe disso que a gente não sabe que precisa do xamanismo para fazer a mediação entre os homens e os espíritos e, por isso, garantir a vida do cosmos, a integração de todas essas coisas. É porque a gente não sabe disso que o mundo vai acabar, que o céu vai desabar e não vai sobrar nada. Quer dizer, a única possibilidade de salvar isso é via xamanismo Yanomami, que são aqueles que ainda conseguem se comunicar com esses outros seres não-humanos. Mas para a gente que pensa a floresta como algo exterior não tem saída, o mundo vai acabar e só o xamanismo pode ainda dar alguma saída ética e política para os dilemas da modernidade. Assim, grosso modo, esse é discurso do Davi Yanomami que o Bruce Albert desenvolve de uma maneira supergenial.

Lévi-Strauss também estava fazendo isso falando que se a gente não repensar o nosso humanismo e nossas práticas. De que que adianta pensar essa supremacia de um sujeito sendo que este sujeito está num mundo que vai se acabar e ele vai acabar antes do mundo, antes das outras espécies certamente. Porque ele chegou depois e vai embora antes. Mas se a gente puder dar uma resposta a isso, temos que repensar as bases do que chamamos de sujeito e extrairmos daí uma ética e uma política. Como que Lévi-Strauss, de uma certa maneira, antecipa toda essa discussão sobre ecologia política e acho que tem um pensamento ético e político forte, que a gente está em vias de explorar. Patrice Maniglier tem esse texto super revelador, isso de um humanismo interminável. O próprio Viveiros de Castro tem discutido bastante essas questões. Mas, mais uma vez, a gente vê na leitura do Lévi-Strauss a possibilidade de fazer com que o pensamento ocidental se afete pelo pensamento indígena e se transforme. Acho que a antropologia que se chama simétrica e a missão de uma antropologia atual é essa mesmo, é transformar o pensamento ocidental via pensamento dos índios. Eu, pelo menos, vejo isso, e isso está no Lévi-Strauss essa tarefa da antropologia, não uma simples antropologia. Antropologia não é simplesmente dar a voz, mas transformar, nesse diálogo, nessa mimetização produzir um pensamento novo. E, nesse sentido, focar nessa ideia de uma nova ética, de pensar, dentro dessa discussão de ética e filosofia política.

BIBLIOGRAPHY

De uma certa maneira, se a gente for pensar na história da filosofia política e tal, os povos indígenas sempre estiveram lá. Se for pensar em Hobbes, ele escreve com a cabeça nos povos da América, mas para quê? Para dizer que isso é a imagem de um estudo de natureza de que a gente tem que se distanciar, é a imagem do que a gente tem que deixar de ser, a gente tem que superar. Eles são aquilo que a gente não quer ser, aquilo que a gente já foi e não quer ser. Para Lévi-Strauss, e para outros autores, é o contrário: eles não são aquilo que a gente não quer ser ou aquilo que a gente já foi, eles são aquilo que a gente talvez nunca foi e que a gente pode ser. Ou seja, eles estão no futuro e não no passado, ou seja, a gente quer ser. Então, se a gente pensar no Viveiros de Castro, eles são muito mais uma figura do devir do que uma figura daquilo que a gente já foi e não quer ser. Acho que é uma reviravolta no pensamento ocidental. De uma certa maneira, o Lévi-Strauss é o primeiro que faz isso, com todas as forças. Depois acho que o Clastres,

de uma certa maneira, também propõe isso, ainda que ele seja um humanista clássico, ele não faz entrar o mundo natural, mas o Eduardo Viveiros de Castro, sim. Em consonância, por exemplo, com o pensamento do Bruno Latour, de fazer esse pensamento transformar o nosso pensamento, coloca novos possíveis. Mas isso já está no Lévi-Strauss, buscar essas ressonâncias entre o novo pensamento e o pensamento dele.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2000. "Postface", L'Homme [En ligne], 154-155 | avril-septembre 2000, mis en ligne le 02 janvier, consulté le 14 avril 2015. URL: <http://lhomme.revues.org/57>.

MANIGLIER, Patrice. 2000. "L'humanisme interminable de Claude Lévi-Strauss", *Les temps modernes*, n° 609, juin-août, pp. 216-241.

SZTUTMAN, R. 2001. "Lévi-Strauss e o desafio americanista". *Novos Estudos. CEBRAP*, São Paulo, v. 61.

SZTUTMAN, Renato. 2005. "O espírito na América". *Novos estudos - CEBRAP*, São Paulo, n. 72, p. 209-218, July.

SZTUTMAN, R. 2009. "Ética e profética nas Mitológicas de Lévi-Strauss". *Horizontes Antropológicos* (UFRGS. Impresso), v. 15, p. 293-319.

SZTUTMAN, R. 2012. *O profeta e o principal: a ação política ameríndia e seus personagens*. 1. ed. São Paulo: Edusp. v. 1. 576p.

NOTES

1. Este filme pode ser acessado no link, www.vimeo.com/lisausp/levi-strauss, com legendas em português e inglês.
2. O entrevistado refere-se aqui ao primeiro capítulo do livro *O Pensamento Selvagem*, "A ciência do concreto", Claude Lévi-Strauss; tradução de Tânia Pellegrini, Campinas, SP: Papirus, 1989.
3. Mauss, Marcel (2003), *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.

AUTHORS

EDSON TOSTA MATAREZIO FILHO

PPGAS/USP

sociais@hotmail.com